

EDITORIAL

Iniciamos 2021 com uma edição *extra* da Revista-Valise, que chega ao seu décimo volume e décimo sétimo número; além de completar dez anos de existência. A variedade de temas, de abordagens e de propostas dos artigos compilados nesta edição reafirma os objetivos de "ativar discussões potentes e promover pontos de intersecção entre práticas e projetos distintos", que permeiam a revista desde o (já longínquo) ano de 2011. É estimulante perceber a multiplicação e o adensamento das pesquisas em artes visuais na última década, de que a Valise é produto e, esperamos, também produtora; apesar, é claro, dos pesares que se acumulam sobre a produção acadêmica de uns tempos para cá. Quem sabe o que os próximos dez anos reservam? Por aqui pretendemos seguir firmes – vida longa à pesquisa acadêmica e aos seus inestimáveis desdobramentos.

A capa deste número é assinada pelo artista Bruno Tamboreno, mestrando do PPGAV/UFRGS, que também apresenta um ensaio visual a partir da série *Estamos abertos*. Os desenhos em carvão exploram olhares fragmentados sobre a paisagem urbana, misturando perspectivas e recortes de dentro e de fora do ateliê. Composição, aliás, que se ressignifica diante das limitações de circulação impostas pela atual pandemia da covid-19.

Os artigos, à continuação, seguem uma lógica tanto cronológica quanto temática. A começar por *Invisibilidade, mitografia e silenciamentos na arte: a historiografia patriarcal em três perspectivas*, texto no qual Thiane Nunes propõe uma revisão ampla da historiografia da arte, desvelando seu caráter patriarcal a partir dos apagamentos de artistas mulheres e da maneira como elas se representaram ao longo dos séculos.

Hernani Guimarães Mendes apresenta análises dos espaços representados nas pinturas de artistas contemporâneos brasileiros – Adriana Varejão, Daniel Senise e Rodrigo Andrade –, entrelaçando as imagens com o conceito de *não lugar* do antropólogo Marc Augé. O texto se intitula *Não lugares na arte brasileira recente*.

Em *O apocalipse de Romy Pocztaruk através do tarô*, Mirna Gonçalves Xavier traça paralelos, de modo a aproximar, ao estilo de Aby Warburg, elementos e imagens constantes dos vídeos *Antes do azul* (2019) e *Safira* (2019), da artista Romy Pocztaruk, a cartas de tarô, embaralhando seus significados e possibilidades.



Bárbara Mol desdobra uma análise primorosa de uma das obras mais conhecidas da artista colombiana Doris Salcedo, sob o título – *SHIBBOLETH: à flor da pele da razão*. Conforme sugerido, o estudo oscila entre observações conceituais, com base em autores como Georges Didi-Huberman, e apreciações poéticas, no intuito de dar conta de alguns sentidos da poderosa proposta de arte na Tate Modern.

Os dois últimos artigos – *O espectador em exposições de linguagens híbridas*, de Camila Damico Medina, e *O significado resiliente dos saberes estéticos na Amazônia (reflexão e recepção na Galeria Vitória Barros)*, de Alexandre Silva Santos Filho – pensam possibilidades de interação entre público e obra de arte. No primeiro texto, a autora analisa estratégias expositivas diante de mídias, suportes e técnicas pouco convencionais. Já, no segundo, o autor narra experiências com mediação na Galeria Vitória Barros, localizada em Marabá (Pará).

A próxima edição, prevista para julho de 2021, trará o **Dossiê Arte e Trauma**.

Boa leitura!

